



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Voto de Pesar n.º 236/XIV

Pelo falecimento de Maria Velho da Costa

Faleceu, no passado dia 23 de maio, em Lisboa, Maria Velho da Costa, aos 81 anos.

Nascida em Lisboa, a 26 de junho de 1938, Maria de Fátima de Bivar Velho da Costa licenciou-se em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa, detendo ainda o curso de Grupo-Análise da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria.

Ficcionista, ensaísta e dramaturga, culta e inventiva, foi coautora, com Maria Isabel Barreno (já desaparecida) e Maria Teresa Horta, das *Novas Cartas Portuguesas* (1972), um dos mais relevantes e originais romances portugueses da segunda metade do século XX, que se tornou um marco pela abordagem à situação das mulheres nas sociedades contemporâneas, exaltando, através do que Eduardo Lourenço classifica de «(...) um virtuosismo sem exemplo entre nós», a condição feminina e a liberdade de valores para as mulheres.

À publicação da obra, em que as autoras denunciaram ousadamente a repressão e a censura do regime do Estado Novo, seguiu-se um vasto conjunto de ameaças, interrogatórios e um processo judicial que, apesar de ter desencadeado um importante movimento intelectual de solidariedade, nacional e internacional, as “Três Marias” só viram suspenso com a chegada da Democracia.

Maria Velho da Costa assinou vasta obra, de que se destacam *O Lugar Comum* (1966), *Maina Mendes* (1969) e *Casas Pardas* (1977), que recebeu o Prémio Cidade de Lisboa. São seus também *Lucialima* (1983, Prémio D. Dinis da Fundação da Casa de Mateus), *Missa in Albis* (1988, Prémio de Ficção do PEN Clube), *Dores* (1994), em colaboração com Teresa Dias Coelho (Prémio da Crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários e Prémio do Conto Camilo Castelo Branco), e *Myra* (2008, Prémio Máxima de Literatura, Prémio Literário Correntes d'Escritas e Grande Prémio de Literatura dst). A sua vasta obra, e «(...) a inovação no domínio da construção romanesca, no experimentalismo e na interrogação do poder fundador da fala» valem-lhe, em 2002, o Prémio Camões.

Em 2003, é justamente agraciada como Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e, em 2011, como Grande-Oficial da Ordem da Liberdade.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Desde 1975, manteve uma colaboração regular em argumentos cinematográficos, trabalhando com Margarida Gil, João César Monteiro ou Alberto Seixas Santos.

Em 2013, no discurso de aceitação do Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (a que presidiu), afirmou que «(...) a literatura não é só “uma arte, um ofício”, mas também “a palavra no tempo, na história, no apelo do entusiasmo do que pode ser lido ou ouvido, a busca da beleza ou da exatidão ou da graça do sentir”».

Escritora com grande consciência ideológica e crítica, Maria Velho da Costa nunca deixou de exortar e se bater pela libertação das mulheres, tendo sido, até ao último dos seus dias, uma voz singular em defesa da sua emancipação.

A Assembleia da República, reunida em Sessão Plenária, expressa o seu pesar pelo falecimento de Maria Velho da Costa, recordando a figura ímpar das letras e endereçando à sua Família e Amigos as mais sentidas condolências.

Palácio de São Bento, 28 de maio de 2020

As Deputadas e os Deputados